

02/09/2019

Cuidados Paliativos e Direitos Humanos ONDE COMEÇA

Ernani Costa Mendes

[Fisioterapeuta INCA/Ministério da Saúde.
Doutor em Ciências ENSP/Fiocruz]

Nessa manhã lembro e começo a cantarolar uma linda composição do poeta mineiro (Vander Lee) que morreu no auge dos seus cinquenta anos! A letra da música me inspira a conversar com vocês sobre uma das maiores dores da existência humana, a dor da alma: que pode ser interpretada como a dor de quem está perdendo a vida, a dor do desaparecimento do ser, a dor crônica da doença que avança ininterruptamente, a dor física que impede a autonomia do movimento, a dor que castiga impiedosamente a possibilidade de sonhar e de ter esperança no amanhã que também impiedosamente teima em chegar. Anuncia Vander Lee...

“Minha dor

Eu não consigo compreender...”

Alerta-nos que a dor incompreendida é um grande termômetro ou medidor de vida que valeu a pena ou não ser vivida! Quando não compreendemos a nossa dor é porque, de alguma forma, não concluímos algo ou alguma tarefa da nossas vidas... Vida mal vivida ou não compreendida gera sofrimento, gera rompimento de sentidos e aquebranta os seus significados. Entre muitos vazios e incompreensões, a dor gerada por uma doença crônica, luto pela perda de algo ou alguém, devem ser tratados criteriosamente. Quem tem dor crônica, tem pressa! Quem tem doença, tem sofrimento!

E o sofrimento é uma emergência que deve ser apoiada e conduzida por ser uma questão de direito, direito do humano que sofre! O sofrimento humano deverá ser ouvido de uma forma compassiva e ressignificado em todos aqueles que sofrem... Continua o compositor...

“Sabe o que eu queria agora, meu bem? / Sair, chegar lá fora e encontrar alguém / Que não me dissesse nada / Não me perguntasse nada também...”

Até porque terrores vividos por pessoas/ pacientes com quadros de dores físicas que levam a sofrimentos psíquicos e espirituais incontornáveis precisam e urgem de habilidades e competências profissionais para serem minimizados. Assevera o poeta:

“... Que me oferecesse um colo ou um ombro, onde eu desaguasse todo desengano...”

As pessoas com sofrimentos gerados por dores que abalam o funcionamento das suas estruturas físicas, mentais e até espirituais, que fragilizam os valores de suas existências, precisam de um colo terapêutico, de um ombro de cuidados.

“Pessoas que sofrem não podem ser deixadas para trás”, esse foi o lema internacional em comemoração ao dia dos cuidados paliativos em 2017.

Os cuidados paliativos são cuidados oferecidos por uma equipe de saúde para pacientes com diagnóstico de doenças que ameaçam potencialmente a continuidade da vida, geralmente são doenças crônicas, progressivas que avançam irremediavelmente para a morte. Esse avançar para a morte, para a terminalidade, ou seja, esse percurso transcrito pelo paciente e suas famílias pode gerar muito sofrimento. Por isso, os cuidados paliativos são importantes para esses pacientes, cujo objetivo é amenizar toda a carga de sofrimento, perdas e danos gerados por uma doença que insistentemente não se inclina para cura!

Resguardando a sua etimologia latina, *pallium* significa manto, coberta, e *palliare* cobrir, proteger. Ao pé da letra, cuidados paliativos são cuidados de proteção para a gestão do sofrimento experimentado por pacientes e famílias com diagnóstico de doenças graves e ameaçadoras da vida. Na definição da Organização Mundial de Saúde (2017) temos:

“Cuidado paliativo é uma abordagem que melhora a qualidade de vida dos pacientes e suas famílias que enfrentam os problemas associados a doenças que ameaçam a vida, por meio da prevenção e alívio do sofrimento, da identificação precoce, avaliação impecável e tratamento da dor e outros problemas, físicos, psicossociais e espirituais.”

Os cuidados paliativos, hoje em dia, são imprescindíveis na área de saúde! Acresça-se o fato de que hoje vivemos mais e, por isso, envelheceremos mais e possivelmente adoeceremos mais. Claro que a oferta desses cuidados no Brasil não é tão linear assim. Sobre esses outros aspectos conversarei com vocês em colunas futuras. Por hoje, fico com a parte poética, filosófica e espiritual desses cuidados e termino com uma citação que reflete o nosso entendimento em relação à oferta desses cuidados.

“Cuidados Paliativos como uma questão de direitos humanos, saúde e cidadania. Mas também como uma questão de olhar, de respeito ao ser humano, de arte e ciência de cuidar e como uma questão de manto do cuidado!” (Mendes, 2017).

Ofertaremos um manto de cuidado, um manto de dignidade para aqueles que sofrem, para aqueles que choram.... E assim, finaliza Vander Lee....

“Meu amor / Deixa eu chorar até cansar / Me leve pra qualquer lugar / Aonde Deus possa me ouvir / Minha dor / Eu não consigo compreender / Eu quero algo pra beber / Me deixe aqui, pode sair ... Adeus.”

■■■

Citações:

Onde Deus possa me ouvir – Vander Lee.

[<https://www.youtube.com/watch?v=19OaxjeKkvo>]

Tese de doutorado de Ernani Costa Mendes

[<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/24828>]

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.